

ALICE E MARIA CAMILA: O PAPEL E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM DOIS CONTOS DE *ANTES DO BAILE VERDE*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES¹

Diana Olimpia dos Santos Duque²

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de autoria feminina; contos; representações; mulheres; Lygia Fagundes Telles.

1 Introdução

Lygia Fagundes Telles iniciou sua produção literária no final da década de 1930 com o livro *Porões e sobrados* (1938), no entanto a célebre contista e romancista brasileira considera morta sua produção literária entre as décadas de 1930 e 1940, prefere ser lembrada por sua melhor versão. Telles alcança sua maturidade literária e, conseqüentemente sua melhor versão, na década de 1970 com a publicação de diversos títulos, obtendo notório destaque com o livro (e conto homônimos), *Antes do baile verde* (1970). Pela publicação do conto, a escritora brasileira recebeu na França o Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros no ano de 1970.

Telles considera o conto uma forma arrebatadora de sedução e, em entrevista concedida à escritora Clarice Lispector, em ocasião do lançamento da obra *Seminário dos ratos* (1977), realiza o seguinte comentário a respeito do gênero que a consagrou como a dama da literatura brasileira: “um conto pode dar assim a impressão de ser um mero retrato que se vê e em seguida esquece. Mas

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Valéria Severina Gomes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Renata Pimentel Teixeira. Outubro/2020.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: dianaduque10@hotmail.com

ninguém vai esquecer esse conto-retrato se nesse retrato houver algo mais além da imagem estética”. (1977, p.15).

2 Fundamentos teórico-metodológicos

Os contos lygianos compõem verdadeiros contos-retratos à medida que transcendem a imagem estética, bem como ilustram problemas sociais e anseios humanos – loucura, amor, rejeição e morte. Para além dessas temáticas, a produção textual de Telles é um porta-retrato da condição social e psicológica da mulher do século XX. Particularizando essa temática e o discurso que busca representar personagens femininas, ecoa em sua produção “[...] “um discurso de duas vozes” que personifica sempre as heranças social, literária e cultural tanto do silenciado quando do dominante” (SHOWALTER, 1994, p. 50 – grifos no original). No trabalho aqui proposto, percorrendo uma discussão de fundamentação bibliográfica, pretende-se refletir sobre as representações de personagens femininas em dois contos de um de seus livros de maior relevância. Neste trabalho, buscaremos dar a ver esse processo por meio de análise a partir da crítica feminista e da representação da mulher, como ferramentas teóricas de leitura. Metodologicamente, pretende-se ler em dois contos um microcosmo do procedimento criativo que identificamos como recorrente na obra da autora.

3 Resultados e Discussão

Lygia Fagundes Telles revela uma escrita sensível, cheia de delicadezas, como definiu Clarice Lispector (1977, p. 13), e que aborda enfaticamente o universo da experiência feminina, sem “a divisão das mulheres em categorias antagônicas como angelical e demoníaca, pura e devassa, honesta e desonesta.” (BRANDÃO, 2006, p. 110). Assim Telles busca, “[...] falar não somente contra, mas fora da estrutura falocêntrica especular, estabelecer um discurso cujo status

não seria mais definido pela falicidade³ do pensamento masculino.”. (FELMAN, 1975, p. 10 apud SHOWALTER, 1994, p. 37).

Para além da experiência das vivências do gênero feminino no século XX, Telles permite a seu leitor elucidar a realidade silenciada das mulheres, por meio de uma linguagem que apresenta áreas de diferenças e similaridades, e que por sua vez nos permite compreender o mundo que nos cerca, como explica Nelly Furman. (1978 apud SHOWALTER, 1994, pp. 35-36).

É notória a representação da condição feminina nas ficções lygianas. No conto “Dolly”, presente na obra *A noite escura e mais eu* (1995), por exemplo, a personagem Adelaide apresenta um imenso desejo de mudar a sua realidade, mas é tolhida pelo medo da mudança – “[...], mas sentir o coração apertado, era o medo da mudança.” (Telles, 2018, p. 390). O dilema que aflige a personagem Adelaide é representado, metaforicamente, pelo contraste entre dois ambientes, o que ela vive e o que ela deseja viver, e de duas personagens, Dolly e Matilde. Duas mulheres com realidades distintas, Dolly tem a liberdade de viver seus sonhos e desejos, e Matilde limita-se a viver entre sonhos e à espera do casamento; dois ambientes com características distintas – em um há o conforto, no outro o caos. Assim, com metáforas construída pelos espaços e pelas representações das personagens, bem como pelo caráter transfigurador da arte, a escritora recria a realidade dessas mulheres em suas narrativas.

Entrelaçada ao mesmo dilema – a liberdade feminina – temos a personagem Tatisa, do conto “Antes do baile verde” (1970). Em um ambiente íntimo, e caótico – “O quarto estava revolvido como se um ladrão tivesse passado por ali e despejado caixas e gavetas.” (TELLES, 2009, p. 57) –, duas mulheres, Tatisa e Lu, a empregada negra, aguardam os festejos carnavalescos, enquanto completam a fantasia de *pierrette* da personagem principal. Ao colar as lantejoulas, as personagens criam a representação imagética da felicidade e da liberdade – “[...] levou o dedo até o saiote e ali deixou as lantejoulas formando uma constelação desordenada.” (TELLES, 2009, p. 58) –. Lu vestida em um quimono de seda e com uma flor crisântemo de papel crepom vermelho nos cabelos, traz à tona seus limites e medos – “Eu ia com a minha havaiana, mas

³ O termo Falicidade refere-se ao Falo, “significante primordial da falta.” (CAFFÉ, 2018, p.3).

só porque aparece um pedaço da coxa o Raimundo implica” (TELLES, 2009, p. 59) e “Hoje o Raimundo me mata” (TELLES, 2009, p. 64) – e a realidade silenciada de Tatisa – “– Ele está morrendo.” (TELLES, 2009, p. 59). Em um quarto, o pai de Tatisa, possivelmente, dá seus últimos suspiros de vida, o que faz a personagem oscilar entre a culpa e o anseio de viver o momento. Telles, assim, usa de ambientes e personagens metafóricos “para escrever o que não pode ser escrito” (SHOWALTER, 1994, p.37) na sociedade do século XX.

Como afirma Ruth Brandão, “[...] a casa e a mulher são temas tradicionalmente associados, na literatura” (2006, p. 160) e constituem importantes metáforas e metonímias na escrita de Telles. Nos contos citados, os quartos estão próximos da representação do eu-interior e da representação de valores tradicionais, que não mais representam a mulher do século XX. As personagens, por sua vez, rompem com um estereótipo de representação literária da mulher segundo certa tradição escrita (sobretudo pela autoria masculina) e passam a denunciar uma realidade silenciada de subjugação, como nos aponta Brandão (2006, p. 200).

Assim, Telles desenha em suas narrativas a recriação da realidade silenciada de mulheres de diferentes classes sociais e a representação da imagem feminina no Brasil do século XX. Desta forma, a autora apresenta ao leitor uma sociedade pautada num sistema patriarcal e a representação “de um feminino ao mesmo tempo presente e ausente, encerrado e oculto sob máscara no imaginário social, que exalta a mulher, enquanto a castra e cala como sujeito desejante.” (BRANDÃO, 2006, p. 41).

“A relação de representação – entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente” (CHARTIER, 1991, p. 184) – é a construção de uma imagem de poder e silêncio, na qual um grupo dominante cria a representação e construção do *Outro* conforme seus desejos e necessidades. Na literatura, “a representação, buscando reduplicar a realidade, acaba por denunciar, como nos textos da modernidade”. (BRANDÃO, 2006, p. 201).

Acerca dessa forma de representação, Chartier nos afirma:

[...] a representação é um instrumento de conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é [...]. Outras imagens funcionam

num registro diferente: o da relação simbólica que, para Furetière, é “a representação de algo de moral pelas imagens ou pelas propriedades das coisas naturais (...). (CHARTIER, 1991, p. 184).

Lygia Fagundes Telles, na obra *Antes do baile verde* (1970), consolida algumas formas de representações nos dezoito contos que compõem a obra. Pode-se exemplificar a representação simbólica com o trecho inicial do conto “Os objetos”: “Finalmente pousou o olhar no globo de vidro e estendeu a mão. – Tão transparente. Parece uma bolha de sabão, mas sem aquele colorido de bolha refletindo a janela, tinha sempre uma janela nas bolhas que eu soprava.” (TELLES, 2009, p.11). Nesse trecho, o globo de vidro, a bolha de sabão e a janela representam, respectivamente, o reflexo dos sentimentos e da existência humana; a fragilidade da vida e das relações; e as possibilidades do viver.

Cada narrativa é composta por símbolos, que ora apresentam uma repetição (como, por exemplo, as palavras verde, branco e vermelho; os elementos que compõem um jardim ou o próprio jardim), ora apresentam elementos característicos daquela narrativa (como as lantejoulas do conto “*Antes do baile verde*”– “rolaram pela escada algumas lantejoulas verdes na mesma direção, como se quisessem alcançá-la.” (TELLES, 2009, p. 66)). Há imagens simbólicas que transcendem a dimensão de elementos simbólicos e ganham a dimensão de ambientes narrativos. Na obra “*Antes do baile verde*”, especificamente, temos como exemplo os ambientes do jardim e da casa – ou cômodos que compõem a residência; quartos de hotéis e pensões. A respeito da representação da casa e do jardim, Beauvoir comenta:

O ideal da felicidade sempre se materializou na casa, na choupana ou no castelo: encarna a permanência e a separação. É entre seus muros que a família se constitui numa célula isolada e afirma sua identidade para além da passagem das gerações; o passado conservado sob forma de móveis e retratos de antepassados prefiguram um futuro sem riscos; no jardim, as estações inscrevem em legumes comestíveis seu ciclo tranquilizador; a cada ano a mesma primavera ornada das mesma flores promete o retorno do imutável verão, do outono com seus frutos idênticos aos de todos os outonos: nem o tempo nem o espaço escapam para o infinito, ambos giram sabiamente em círculos. (BEAUVOIR, 2019, v.2, p. 218).

Uma outra forma de representação ocorre pela escolha e composição das personagens. Huback, em seu artigo “*Mulheres na via de contramão: a (des)representação do feminino em Antes do baile verde, de Lygia Fagundes Telles*” (2016), aponta para a forte representação das personagens femininas na obra “*Antes do baile verde*”. Em contraponto às personagens femininas, os personagens masculinos são frágeis e instáveis. As personagens femininas nas narrativas escritas por Telles vivenciam uma realidade “comum” – casamento, traição, maternidade, amores e desamores, velhice –. Ao criar a representação de universos particulares e íntimos, Telles cria a representação de uma realidade coletiva. Assim:

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. (CANDIDO, 2010, p. 35).

Os contos que compõem a obra “*Antes do baile verde*” foram escritos entre as décadas de 1950 e 1960, após a conquista do voto feminino e em meio à construção do movimento que buscava a autonomia feminina em meio ao golpe militar de 1964. Ou seja, era, portanto, “um movimento que luta por autonomia em um espaço marcado pelo político [...]”. (PINTO, 2003, p. 46).

Nesse cenário, a mulher ainda se encontra no seio familiar, recolhida no interior das residências, aprendendo a lidar com questões que dizem respeito à sua identidade, ao seu corpo e sua sexualidade. Vive imersa em uma sociedade patriarcal, sendo projeção dos desejos e das necessidades do homem; a mulher é o *Outro*. Corpo, ações e perspectivas de vida são moldadas por esse sistema, portanto, a personagem feminina sofre forte influência do sistema patriarcal em sua construção e representação.

“Enquanto delegada de voz alheia, enquanto produto da literatura das sociedades patriarcais, a personagem feminina é uma construção, [...]. Presa de um sistema de representação viril, a mulher se lê anunciada num discurso que se faz passar pelo discurso de seu desejo” (BRANDÃO, 2006, p. 155). Por conseguinte, nos contos “*A ceia*” e “*Um chá bem forte e três xícaras*”, presentes na coletânea “*Antes do baile verde*”, encontramos as personagens Alice e Maria

Camila, respectivamente, em narrativas que conduzem o leitor a vivenciar e compreender vozes socialmente silenciadas diante de temas como o envelhecimento do corpo feminino, importância social do casamento e traição.

Apesar de enfrentarem os mesmos dilemas, Alice e Maria Camila apresentam um distanciamento em suas construções sociais. Maria Camila é casada com um médico. Centrada, autoconfiante e firme, a personagem principal do conto “*Um chá bem forte e três xícaras*” lida com a traição do marido de forma distinta à de Alice, personagem do conto “*A ceia*”. Alice, que não podemos definir com plena certeza se era cônjuge ou namorada do personagem Eduardo, se desestrutura emocionalmente com a traição. É importante ressaltar que ambas são traídas por seus companheiros com mulheres mais novas.

Alice se relacionava há quinze anos com Eduardo. E mesmo com o fim do relacionamento e com o futuro casamento de Eduardo com a Olívia, ainda deseja estar próxima, não aceita o fim do relacionamento. Alice, na verdade, necessita ser vista. Sem autoestima e autocontrole, ela implora para ser vista.

Embora mais velha que Eduardo, a personagem tem uma reação descontrolada com o fim do relacionamento.

– Mas, querido, não é preciso ficar com essa cara, prometo que desta vez não vou quebrar nenhum copo, não precisa ficar aflito... – Os olhos reduziram-se outra vez a dois riscos pretos. – Foi horrível, hein? Sabendo quanto você detesta essas cenas, imagine, quebrar o copo na mão, aquela coisa assim dramática do vinho ir escorrendo misturado com sangue... que papel miserável (TELLES, 2009, p. 124).

Enquanto Eduardo apresenta-se firme e afirma a Alice que o relacionamento era instável e transitório, “– Você deveria mesmo saber que mais dia, menos dia, tínhamos que nos separar, nossa situação era falsa”. (TELLES, 2009, p. 126). Alice, não obstante, ratifica sua necessidade de ser amada e de ser vista por Eduardo.

Em inúmeros trechos encontramos a seguinte passagem: “Você vai me ver de vez em quando” (TELLES, 2009 p. 123); além de uma frequência na repetição dos verbos ver e olhar. Há na personagem uma necessidade de ser vista, percebida, como já mencionado. Podemos compreender o pedido excessivo de

ser vista de duas formas: a primeira de não ser esquecida/rejeitada pelo seu amado; e, a segunda, a necessidade de ser reconhecida como mulher. Para isso, Alice precisa da figura masculina.

Tal qual a personagem principal do conto “A ceia”, Maria Camila (do conto “*Um chá bem forte e três xícaras*”) lida com a velhice e o adultério do esposo com uma jovem mulher. Ao contrário de Alice, Maria Camila se mantém firme, centrada; mas não deixa de se comportar seguindo certo *script* tradicional na lógica de uma sociedade conservadora e baseada em patriarcalismo “como uma mulher/esposa”. Portanto, nesta construção social Alice seria a representação da mulher abjeta:

[...] é ideal a mulher que funciona como recusa da castração, que reassegura o narcisismo masculino, que é réplica da face da mãe, máxima figura fálica, enquanto completa com sua criança narcísica. É abjeta aquela que rompe com essa representação (BRANDÃO, 2006, p. 30).

4 Conclusão

Neste resumo expandido, busca-se apresentar uma reflexão sobre o papel e a representação da mulher nos contos “A ceia” e “Um chá bem forte e três xícaras”, tomando como apoio para a discussão e as análises o pensamento e as proposições de Simone de Beauvoir (2019), Brandão (2006), Hollanda (1994), Huback (2016) e Candido (2010), entre outras e outros.

No estudo em desenvolvimento, espera-se tomar os contos analisados como uma janela, um microcosmos para aprofundar a discussão da representação de personagens mulheres na escritura de Lygia Fagundes Telles, revelando, a partir de uma pequena amostragem, o quanto esta autora desvela do universo social, político, afetivo e cultural quanto aos papéis de gênero no Brasil, durante uma longa carreira literária, como um retrato crítico e agudo de décadas da nossa sociedade.

5 Referências

CAFFÉ, Mara (2018). **Falo: estrutura e história**. Lacuna: uma revista de psicanálise. São Paulo, n. -6, p.3, 2018. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2018/12/14/n06-03/> . Acesso em: 03 de setembro de 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra, a personagem feminina na literatura**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade, estudos de teoria e história literária**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: Estudos avançados. Campinas: Unicamp, 11(5), 1991, pp. 173-199.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro – formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, pp. 22 – 47.

_____. **Tendências e impasses – O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HUBACK, Sandriene Robadey. **Mulheres na via de contramão: a (des)representação do feminino em Antes do baile verde, de Lygia Fagundes Telles**, 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde: contos**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes. **Contos completos**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

WILLIAMS, Claire (org.). **1920-1977 Entrevistas/ Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FRANCESCHI, Antonio Fernando de; GAMA, Rinaldo. **Entrevistas. Caderno de literatura brasileira**, n. 5, Instituto Moreira Sales, 1998, pp. 27 – 43.

_____ . **Memória seletiva. Caderno de literatura brasileira**, n. 5, Instituto Moreira Sales, 1998, pp. 9 – 15.